

## A representação da ideologia na obra *O carteiro e o poeta*

Fabiana Sana Aliardi<sup>1</sup>  
Marcelo da Silva Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo parte de um estudo que teve como objetivo compreender a representação da ideologia, dentro da obra *O carteiro e o poeta* de Antonio Skármeta juntamente com a narrativa fílmica de Michael Radford. Considera-se a obra uma amostra de criatividade estética que retrata o romance de Mario Giménez com Beatriz González, através de uma leitura sócio histórica da realidade chilena na década de 70, na Ilha Negra no Chile; o filme, gravado na Ilha de Procida, na Itália, por sua vez, apresenta o desenvolvimento de uma linda e inusitada amizade entre dois homens e sua luta pelo socialismo.

**Palavras-chaves:** Amizade. Ideologia. Socialismo.

**Abstract:** This article is part of a study aimed at understanding the representation of ideology, within the work of the postman Skármeta Antonio along with the film narrative by Michael Radford. It is considered the work a sample of aesthetic creativity that captures the romance of Mario Beatriz Giménez González, through a socio-historical reading of the Chilean reality in the 70s, in Isla Negra in Chile, the film, recorded on the island of Procida In Italy, in turn, presents the development of a beautiful and unusual friendship between two men and their struggle for socialism.

**Keywords:** Friendship. Ideology. Socialism.

### Uma amizade inusitada

Antes de discorrer sobre o filme tratarei do romance de Antonio Skármeta *O carteiro e o poeta*. Considerando o contexto apresentado como uma amostra de criatividade estética, onde Pablo Neruda, homem letrado, sensível, conhecedor da vida e do amor juntamente com o carteiro, representado por Mario Giménez, homem semianalfabeto, nativo da ilha, que não se conforma em seguir o destino de seus amigos, vizinhos e parentes criam uma amizade. O carteiro por sua vez vê na amizade com o poeta uma porta para outro tipo de vida. Na verdade, o livro acaba sendo uma espécie de biografia, ensaio, diário e romance, já que o próprio autor fala que “Concretamente, devo a Neruda a perda da minha inocência” (pág. 65), num dos muitos momentos em que expressa sua admiração pelo poeta. É um livro belíssimo que fala sobre o amor e, principalmente, sobre a amizade, não sendo menos importante o contexto histórico da época, agradando pela sutileza das palavras e pela beleza da história narrada.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade Cenecista de Osório – Facos, cursando o Pós de: Diálogos entre a Literatura e a História do Rio Grande do Sul pela Faculdade Cenecista de Osório – Facos.

<sup>2</sup> Professor Orientador.

Mário Jiménez é um jovem morador da Ilha Negra, litoral do Chile, filho de um pobre pescador, mas que desde cedo demonstra sua inaptidão para esse tipo de trabalho, para dissabor de seu pai. Contudo, apaixonado por filmes, é o único morador letrado da ilha, e devido a isso, um dia toma a iniciativa e assume a vaga de emprego: carteiro de sua localidade. Numa ilha, povoada por pescadores analfabetos, o único cliente de Mário é o famoso poeta Pablo Neruda, que recebe uma enorme quantidade de cartas diariamente.

Percebe-se que o cenário é a Ilha Negra, cais de pescadores no Centro do Chile, Oceano Pacífico, local aonde o poeta Pablo Neruda acostumava receber seus amigos na vida real. A cronologia acompanha os fatos históricos acontecidos na década de 70 no Chile: Vemos a pré-candidatura à presidência da República de Pablo Neruda, apoiado pelas classes populares, e que renuncia para apoiar ao futuro presidente socialista democraticamente eleito, Salvador Allende<sup>3</sup>. Também podemos acompanhar o maior Prêmio de Literatura obtido por um escritor chileno, “o Prêmio Nobel de Literatura”, a doença do poeta, o golpe militar<sup>4</sup> de 11 de setembro de 1973 e a morte de Neruda em 23 de setembro de 1973.

A relação entre os dois começa, por insistência de Mário, devido a uma admiração curiosa e pela insistência de que lhe autografe um livro. Com o decorrer do tempo, a interação entre os dois vai aumentando à medida que o poeta passa a dar conselhos

---

<sup>3</sup> No dia 4 de setembro de 1970, o médico Salvador Allende ganhou as eleições diretas para presidente no Chile com uma maioria de 36,2% dos votos. Pela primeira vez na América Latina, um político socialista chegava ao poder de forma democrática. No mesmo dia em que foi eleito, Allende declarou nos meios de comunicação que faria um governo marxista, prometendo implantar a reforma agrária, controlar as importações e exportações e nacionalizar os bancos. Allende assumiu o poder numa época em que 45% do capital do país estava nas mãos de investidores estrangeiros, as minas de cobre eram praticamente de domínio norte-americano e 80% das terras eram propriedade de latifundiários. Em 1970, a dívida do Chile era de mais de quatro bilhões de dólares, a segunda maior do mundo.

<sup>4</sup> O Golpe de Estado de 11 de Setembro, ocorrido no Chile em 1973, consistiu na derrubada do regime democrático constitucional do Chile, e de seu presidente Salvador Allende, tendo sido articulado conjuntamente por oficiais sediciosos da marinha e do exército chileno, com apoio militar e financeiro do governo dos Estados Unidos e da CIA, bem como de organizações terroristas chilenas, como a Pátria e Liberdade, de tendências nacionalistas-neofascistas, tendo sido encabeçado pelo general Augusto Pinochet, que se proclamou presidente.

Desde Agosto 1973, a Marinha e a Força Aérea preparavam um golpe de estado contra o governo de Allende, lideradas pelo vice-almirante José Toribio Merino e o general Gustavo Leigh. Em 21 de agosto, o general legalista e constitucionalista Carlos Prats viu-se forçado a renunciar ao posto de Comandante em Chefe, pressionado por manifestações das esposas de generais sediciosos. Em seu lugar, assumiu Augusto Pinochet no dia 23, até então considerado um general leal à constituição e apolítico.

amorosos e sobre a arte poética para que o jovem conquiste a mulher por quem está apaixonado, Beatriz Gonzáles.

Em minha opinião, há dois grandes momentos na obra. Quando Neruda explica ao carteiro o que é uma metáfora, e ao fazer isso, convida os leitores a conhecer a poesia e sua beleza e, acima de tudo levando seu público a conhecer o que são metáforas, em todos os lugares, até mesmo nos mais simples detalhes da vida.

- \_ Para esclarecer mais ou menos de maneira imprecisa, são modos de dizer uma coisa comparando com outra.
- Dê-me um exemplo...
- Neruda olhou o relógio e suspirou.
- Bem, quando você diz que o céu está chorando. O que é que você quer dizer com isto?
- \_ Ora, fácil! Que está chovendo, ué! (SKÁRMENTA, pág.20).

E, principalmente, quando Neruda pede ao amigo que grave os sons da ilha, para que o poeta mate a saudade durante sua estadia na França.

Preciso desesperadamente de algo, nem que seja o fantasma da minha casa. A minha saúde não anda nada bem. Sinto falta do mar. Sinto falta dos pássaros. Mande para mim os sons da minha casa. Entre no jardim e faça soar os sinos. (SKÁRMENTA, pág.97).

O poeta Pablo Neruda não responde como analista, mas, de toda a forma, exerce função de um, quando convida o carteiro a produzir as próprias metáforas viabilizando a aproximação entre a sua demanda e seu suposto objeto.

A metáfora tem um papel importante na relação educativa, de contato entre massa, representado por Mario e o intelectual representado por Neruda, pois é uma forma figurativa de se dizer algo, recurso que levará Mario a elaborar e refinar seu pensamento, fato que se dá por meio da poesia. Podemos entender a metáfora, a partir do que é explicado pelo poeta chileno a Mario, como um recurso verbal e textual no qual se dirá algo por meio de outra expressão, com forte característica visual.

Assim, o poeta vai estabelecendo diálogo com Mario, por meio da poesia, levando-o a refletir sobre sua própria vida e o mundo. Desta maneira, percebemos a complexidade do pensamento do carteiro quando diz: “Eu também queria ser poeta.” O poeta faz força com o desejo do carteiro que explica: “Com a poesia eu poderia

fazer as mulheres se apaixonarem por mim.” Ele pergunta para o poeta sobre como se tornar um poeta. Este recomenda que ele caminhe pela beira do mar. O carteiro pergunta: “E elas virão até mim? As metáforas?” O que é confirmado pelo poeta. Percebemos que a única preocupação do carteiro, na aproximação do poeta, é em relação às conquistas das mulheres com sua própria poesia. Encontra-se tão obcecado por esse objetivo que, mais tarde, acaba copiando uma poesia de Pablo Neruda para entregar à Beatriz.

A metáfora aparece como eixo sobre o qual se constrói a história. Constitui uma forte marca de Neruda e motivo de curiosidade para o carteiro que quer saber o que é, reagindo com a estranheza por alguma coisa tão simples ter um nome tão complicado.

Para Thompson a Unificação faz parte de um modo operacional da ideologia, entendemos que nesse momento relaciona a metáfora com a ligação dos indivíduos, formando assim uma unidade, é com essa certeza que podemos apreciar nas obras as questões relacionadas às metáforas.

A partir da descoberta de Mario, a palavra metáfora passa a circular nos diálogos e construir um modo de construção dentro do texto. É ela, pois, a metáfora, a ponte lançada sobre esses universos culturais tão diferentes. Fica, contudo, um resíduo bem-humorado da diferença, marcada pela relação direta que se estabelece entre palavras e coisas, palavras e ações, palavras e compromissos, seja no sentido de cobrar essa relação, seja pelo temor de que ela não exista ou não se realize.

Em um cenário de isolamento é que Mario tem o último contato com Neruda, junto a seu leito de moribundo, entregando os telegramas de apoio internacional que tinham chegado ao poeta, como já não era seguro carregar a correspondência, ele as memorizava.

- Bom. Hoje chegaram mais de vinte telegramas para o senhor. Eu quis trazê-los, mas como a casa estava rodeada tive que voltar. O senhor perdoará o que fiz, mas não havia outro remédio.
- O que você fez?
- Li todos os telegramas e decorei para poder dizer-lhe.
- E de onde vêm?
- De muitos lugares. Começo com o da Suécia?

- Adiante. (SKÁRMENTA, pág.118)

Uma das notícias que Mario relata ao poeta é: a dor e a indignação da morte de Allende, esse foi o primeiro presidente de república e o primeiro chefe de estado socialista marxista eleito democraticamente na América Latina. Seus pilares ideológicos foram o socialismo, o marxismo e a maçonaria. A partir destas convicções, foi muito respeitoso com todas as ideias políticas democráticas e com todas as confissões religiosas. Allende foi um revolucionário atípico: acreditava na via eleitoral da democracia representativa, e considerava ser possível instaurar o socialismo dentro do sistema político então vigente em seu país.

Allende assume a presidência e tenta socializar a economia chilena, com base num projeto de reforma agrária e nacionalização das indústrias. A sua política, a chamada "via chilena para o socialismo", pretendia, segundo ele, uma transição pacífica, com respeito às normas constitucionais chilenas e sem o emprego de força, para uma sociedade de paradigma socializante.

Depois desta e de muitas outras notícias desagradáveis o poeta declama ao carteiro e amigo sua última poesia:

“ Eu volto ao mar envolto pelo céu,  
o silencio entre uma e outra onda  
estabelece um suspense perigoso:  
morre a vida, se aquieta o sangue  
até que rompe o novo movimento  
e ressoa a voz do infinito.” (SKÁRMENTA, pág.120)

Após essa mensagem as mãos de Neruda tremem sobre o trinco da janela, sua boca se enche de saliva e um secreto rumor revela-se agora no trepidante arquejar de seu sangue, chega a convicção definitiva de um magma a que tudo pertencia. “A única certeza é que respiramos e deixamos de respirar, dissera o jovem poeta sulista despedindo-se com a mão, que havia apontado um cesto de maçãs debaixo da mesa fúnebre.” (SKÁRMENTA, pág.120)

A ambulância levou Pablo Neruda para Santiago. No caminho teve de passar barreiras da polícia e controles militares. No dia 23 de setembro de 1973, ele morreu na Clínica Santa Maria. Enquanto agonizava, sua casa da capital, no sopé do cerro San Cristóbal, foi saqueada, os vidros destruídos e a água dos encanamentos abertos produziram uma inundação. Foi velado entre os escombros. (SKÁRMENTA, pág.121)

Desde Agosto 1973, a Marinha e a Força Aérea preparavam um golpe de estado contra o governo de Allende, lideradas pelo vice-almirante José Toribio Merino e o general Gustavo Leigh. Em 21 de agosto, o general legalista e constitucionalista Carlos Prats viu-se forçado a renunciar ao posto de Comandante Chefe, pressionado por manifestações das esposas de generais sediciosos. Em seu lugar, assumiu Augusto Pinochet no dia 23, até então considerado um general leal à constituição e apolítico. Com todo esses transtornos acontecendo a cidade estava se destruindo.

Acreditamos que nesse momento podemos relacionar um outro modo operacional, a Fragmentação como segmento de um grupo contra o governador Allende que ameaçam a relação de poder por ele exercida, desvirtuando o que sustentava seu poder e sua candidatura.

Mário Jiménez soube da morte do poeta pela televisão da estalagem (...). Durante a noite o carteiro não conseguiu dormir e as horas transcorreram com os olhos no teto, sem que único pensamento os distraísse. Pelas cinco da madrugada ouviu carros frearem diante da porta. (SKÁRMENTA, pág.123)

Após a morte do poeta Mario é procurado pelos homens que apoiavam a ditadura e que tinham conseguido parar com o sonho de mudanças que tinha sido acalentado pelas classes populares, não se sabe qual foi o seu fim, mas as crueldades da ditadura militar são conhecidas a todos.

O carro do deputado Labbé foi indo lentamente e Mário avançou com seu acompanhante até o outro veículo. Ao volante havia um homem com óculos escuros ouvindo notícias. Ao entrar no carro ainda conseguiu escutar o locutor anunciando que as tropas haviam ocupado a editora Quimantú e que haviam começado a sequestrar a edição de várias revistas subversivas... (SKÁRMENTA, pág.125).

## **A linguagem visual**

Em contraponto com a obra de Antônio Skármenta, nota-se que o filme *O Carteiro e o Poeta* (Il Postino) é uma obra que nos traz várias contribuições para pensarmos nas relações entre professor e educando, numa perspectiva de relação entre os intelectuais e a massa, na qual o autor entende que todos os homens são intelectuais e propõe que seja rompido o senso comum, levando as massas a uma postura política mais ativa. Além disso, através do filme podemos refletir sobre a condição humana, o poder e a beleza da poesia marcando uma ruptura com os

padrões sociais vigentes. O filme se passa na Ilha de Procida, na Itália habitada por pescadores, na década de 1960. Os principais personagens de nossa história são Mario Ruoppolo, um homem de meia idade, filho de um pescador viúvo e Pablo Neruda, poeta chileno que contou o amor e as injustiças sociais, ficando conhecido como o poeta do povo.

Em um recorte sócio histórico o autor-criador do filme aproveita para colocar os dois personagens frente a frente em uma rica inter-relação social; Pablo Neruda<sup>5</sup>, poeta conhecedor da vida, com uma posição ideológica definida e que domina a língua padrão, junto a Mario, filho de pescadores semianalfabeto que vê em seu novo emprego, de carteiro do poeta, a possibilidade de se desenvolver como ser social, dominando a leitura e a compreensão da poesia, e com isso buscando a conquista das mulheres. Segundo Bakhtin (1988; 403) “a personagem deve ser apresentada não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui e que se transforma alguém que é educado pela vida.” Mario é um espelho dessa fala.

Por dois motivos analisar o filme *O Carteiro e o Poeta* não deu-me tanto prazer como analisar a obra. Em primeiro lugar, porque não gosto de filmes legendados e não o consegui dublado, porém gostei da linguagem visual utilizada. E, em segundo lugar, porque li a obra antes, recheada de detalhes e cenas picantes. No filme algumas cenas são transpostas com outra maneira, deixando-as simples e sem a magia que a obra apresenta os personagens não são descritos como no livro e alguns mudam de nome em virtude do mesmo ser gravado em outro continente, outras personagens mudam até mesmo o parentesco.

A primeira imagem do filme apresenta a cena de um cartão-postal nas mãos de um homem recostado em uma cama, ou seja, um objeto destinado especificamente à leitura e à escrita. Uma das características deste suporte de texto<sup>6</sup>, em especial, o cartão-postal, é a presença de imagens, em uma das faces, enquanto que, na outra,

---

<sup>5</sup> Pablo Neruda nasceu em Parral, em 12 de julho de 1904. Era filho de José del Carmen Reyes Morales, um operário ferroviário, e de Rosa Basoalto Opazo, professora primária, morta quando Neruda tinha apenas um mês de vida. Ainda adolescente adotou o pseudônimo de Pablo Neruda (inspirado no escritor checo Jan Neruda), que utilizaria durante toda a vida, tornando-se seu nome legal, após ação de modificação do nome civil.

<sup>6</sup> (Teberosky ; Colomer, 2003).

há espaço para dois textos: um, o endereço do destinatário (à direita) e, outro, a mensagem do remetente (à esquerda). O espaço relativo à mensagem é pequeno e, geralmente, o texto escrito é curto.

“O homem segura o cartão-postal e o acaricia, como se fosse um bem valioso. Vemos que ele tem as unhas sujas e as mãos calejadas, resultado do trabalho braçal. Ao olharmos mais detidamente, vemos que o cartão-postal apresenta a imagem de um carro americano. O homem vira o cartão e está escrito, em italiano, apenas: “Vamos comprar um carro.” Em seguida, o homem ergue-se da cama e dirige-se à janela, olhando para fora. Vemos a beira do mar e pescadores chegando ao amanhecer. Sabemos, então, que a história se passa à beira-mar com pescadores. Esta já seria a explicação para o interesse pelo cartão-postal com a imagem do carro americano. Imagine-se algo mais distante para um pescador do que um daqueles “carrões” americanos (que, depois sabemos, será da década de 50)! ”(STEYER, s.a)

Após ser exilado de seu país Neruda<sup>7</sup> migra para a Itália, se instalando na ilha de pescadores na qual Mario habita. Pouco adaptado ao trabalho no mar, Mário reclama com seu pai de que a umidade do ar atrapalha sua saúde. O pai afirma que ele nunca gostou de pescar e sugere que ele vá para a América ou para o Japão, mas que procure um emprego. Infeliz e com o interesse despertado pelo cartão-postal, Mario vai, pedalando, até o cinema. Assim, fica sabendo da vaga como carteiro para entregar as correspondências do poeta exilado recém chegado à ilha.

O homem assiste o telejornal e percebe-se que sua atenção é voltada para o fato de que o Poeta é amado pelas mulheres – vemos a imagem de uma mulher (que não sua esposa) abraçando-se ao Poeta. O narrador do telejornal explica que o Poeta escrevia poemas de amor. Lembremos do detalhe de que não havia mulheres na casa do homem e do pai. Portanto, estava despertado o interesse do homem pelo Poeta. Talvez, se o homem não tivesse visto o telejornal primeiro, não teria se interessado pelo Poeta, pois nem saberia o que ele fazia; seria, apenas, um estrangeiro a passar uma temporada na ilha. A partir deste momento, o homem sabia que o poeta podia seduzir as mulheres com os seus poemas. Este é, então, um dos poderes da palavra escrita: a sedução. As mulheres liam os poemas e ficavam seduzidas... Pelo Poeta! (STEYER, s.a)

---

<sup>7</sup> É importante esclarecer que Neruda nunca esteve exilado numa ilha italiana como o filme mostra, mas sim num balneário chamado Ilha Negra, em seu próprio país, o Chile. O filme O Carteiro e o Poeta (Il Postino) é baseado na obra de mesmo nome, escrita por Antonio Skármeta. O autor chileno era redator cultural do que ele chama de “um jornalzinho de quinta categoria” e pela ordem de seu diretor foi à Ilha Negra entrevistar Neruda para saber sobre seus amores e as mulheres que havia paquerado. Skármeta pede a Neruda que lhe concedesse tal entrevista e tem como resposta à sua investida jornalística, a amável resposta do Poeta de que “seu grande amor era sua mulher atual, Matilde Urrutia, e que não sentia entusiasmo nem tinha interesse em revolver este “pálido passado” (Skármeta, 1998, pág.9). O jornalista, que pretendia usar as horas vagas na ilha para escrever seu romance, então pede a Neruda que pelo menos lhe escrevesse o prefácio da futura obra, ao que Neruda responde dizendo que o faria, quando estivesse pronto o romance. Skármeta gastou quatorze anos para finalizar sua obra, e considera que foi tempo demais, ao passo que outros conterrâneos escreveram muitas obras no mesmo período.



Aceita o trabalho, mesmo sabendo da dificuldade de localização das entregas e do risível salário, que mal daria para pagar a entrada do cinema.

A obra é ficcional, enquanto narrativa fílmica. O tema, todavia, é realidade e sua base histórica é a situação do Chile, seu exílio e suas andanças pelo mundo são reais. Neruda foi embaixador em Paris, sua casa na Ilha Negra foi preservada como o poeta deixou e transformada no Museu Pablo Neruda, viveu na Itália nos anos 50, casou-se com a companheira Matilde Urrutia que aparece bastante no filme e pouco no livro, recebeu em 1971 o Nobel de Literatura, ficou famoso com seus poemas e com o uso da metáfora que chegou a ser no Chile, em certo momento, uma espécie de mania nacional. O que torna fascinante a história é sua capacidade de mostrar escondendo e esconder mostrando, num jogo em que a subjetividade do autor atua no sentido da objetividade que é atingida via transformações lingüísticas, e a aprendizagem de Mario que envolve a superação da opacidade. O que é comum permanece, torna-se normal, como é o caso da falta de água que eles já estão habituados, deixando de ser um problema.

### **A ideologia**

A elaboração do conhecimento por parte do sujeito faz parte da problemática da ideologia e uma possível concepção reveste-se de um pressuposto relacionado à determinação social da consciência.

“A construção de uma interpretação para a realidade seguida da elaboração de fatos e ideias sob as quais podemos nos apoiar, dificulta o reconhecimento de um engano, ou ainda, a administração de que determinadas concepções, em sua origem, não foram organizadas por nós. Em suma, a ideologia pode impedir-nos de reconhecer que, muitas vezes, em vez de narrar, “somos narradores.” (ROCHA, pág.18)

Há uma aproximação entre cultura e ideologia: a ideologia faz com que as ideias que circulam em um determinado grupo social se tornem opiniões. Essas ideias normalmente estão vinculadas a um ato criador, a partir do qual o grupo se constitui e que a ideologia trata de repetir, de tal forma que o pensamento perde rigor em favor da manutenção das crenças.

Thompson ressalta a questão da dominação e suas formas simbólicas que são ideológicas quando servem para estabelecer ou sustentar relações de dominação, ou seja, quando elas contribuem para a manutenção sistematicamente assimétrica das relações de poder. Atribui movimento à ideologia e às formas simbólicas inserindo-as em seu contexto, no qual elas são ou não ideológicas.

“As formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder; e é essa atividade, a serviço das pessoas e grupos dominantes, que tanto delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral, como dá a essa concepção de ideologia proposta um sentido negativo.” (THOMPSON, 1995, p. 90-91)

O estudo da ideologia detém na análise dos modos como o sentido ou significado das formas simbólicas atuando para manter ou criar relações de dominação. É, sobretudo, um trabalho interpretativo, atribuindo às instituições sociais um importante papel no processo interpretativo. As instituições sociais, sob as quais vivemos, são estruturadas ideológica e historicamente. Não há a possibilidade de nos distanciarmos do nosso dever histórico, de nos desgrudarmos, mesmo que temporariamente, de nossas concepções ideológicas na busca de interpretações. Ao contrário, ao analisar uma forma simbólica, temos que buscar previamente distanciamento histórico ideológico consciente da ação que as instituições sociais exercem sobre nós e sobre o processo de produção e de apropriação dessas formas simbólicas.

Caracteriza-se uma nova formulação do conceito de Ideologia, ao invés de reabilitar alguma concepção anterior do seu significado através da história. Em um primeiro momento ele acredita que a análise da Ideologia, de acordo com a sua proposta, está interessada com as maneiras que as formas simbólicas se entrecruzam com as relações de poder e como o sentido é mobilizado, no mundo social, servindo para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder, ou seja, “estudar a Ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de poder” (THOMPSON, 1995, p.76).

A categoria de ideologia, para Thompson, a partir desta reformulação, procura chamar a atenção para as maneiras como o sentido é mobilizado a serviço dos indivíduos e grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas no jogo do poder, do dominado e do dominante, onde uns buscam preservar e outros procuram contestar.

Na obra de Antonio Skármenta aparece evidente a questão de relação de jogo de poder. Pablo Neruda exercia um poder sobre Mario, no entanto, ao mesmo tempo, o regime da época tentava exercer poder até mesmo dos pensamentos de Neruda. Thompson esclarece como um dos modos de operação da ideologia a Legitimação como necessidade de legitimar as relações de poder. Deixando claro que, para estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar essas relações de poder, devemos nos ater no sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais e circulando no mundo social. Para ele, formas simbólicas são: "Um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos" (THOMPSON, 1995, p. 79). Aqui se insere a metáfora.

Do ponto de vista histórico, a ideologia é o mundo das ideias. Entendemos que na realidade, a ideologia é uma forma de organizar o mundo da razão com o comportamento humano, mas somente as ideias verdadeiras acabam se englobando dentro da razão.

Para Thompson a ideologia pode ser considerada de várias formas e uma delas sendo polemicamente conhecida. Essa concerne na divisão do trabalho, onde Marx discorda, pois estabelece um percurso histórico-social da era primitiva humana, onde as pessoas viviam de acordo com suas necessidades e de seu meio até uma separação estrutural entre o material e o mental.

Segundo Rocha a concepção de ideologia reveste-se de um pressuposto relativo à determinação social da consciência. De outra maneira, existe a indicação do entendimento ilusório da função das ideias como causas, ao invés de efeitos, das condições matérias específicas de dada sociedade.

Rocha afirma que outro aspecto importante à concepção epifenômica de ideologia diz respeito à dinâmica progressiva do modo de produção capitalista moderno. Originalmente, as sociedades possuíam relações alicerçadas em vínculos religiosos ou sentimentais, encobrendo as qualidades de honra, dever e de valores morais.

A concepção-chave e original de ideologia propõe um método fundamentado num conhecimento científico preciso, indicando a maneira como são formadas as ideias na mente humana, a fim de que fossem asseguradas o controle das sensações bem como seu processamento. (ROCHA, pág.21)

Ao fazer um retorno às obras identifica-se que após o plágio do poema que o carteiro fez, para entregar a Beatriz, os dois conversam. O carteiro acusa o poeta de ser o responsável por toda a situação, pois ele havia lhe dado livros para ler! O poeta diz que deu livros para ler, mas não o autorizou a roubar os seus poemas. O carteiro contra argumenta e diz: “A poesia não pertence a quem a escreve, mas àqueles que precisam dela.” E nós sabemos qual era a intenção do carteiro. Na última visita ao poeta, o carteiro entrega a correspondência, mas rejeita, novamente, a gorjeta. Eles se abraçam. O carteiro pede que o poeta escreva, e ele diz que o fará.

Agora, sem o poeta, o carteiro, de posse do bloco de anotações, tenta, mais uma vez, escrever. Ele abre o bloco na terceira folha, pois, na primeira, está a dedicatória, e, na segunda, o desenho da Lua. Percebe-se que as unhas, agora, estão mais limpas e que ele está em outro ambiente. Pega uma caneta, fica pensativo, mas não escreve. O poeta garantiu que o carteiro teria um suporte de texto adequado para escrever, mas isto não garantiu a escrita dele. A escrita não nasce por mágica ela precisa ser construída, ainda mais em se tratando de uma escrita poética.

Em outro dia, o carteiro, após passar por um cartaz com propaganda política, visita seu ex-chefe que mantém um álbum de recortes com as notícias veiculadas sobre o poeta. É um bem valioso, mas ele o compartilha com o carteiro, que lê a notícia e comenta que, talvez, o poeta venha visitá-lo. O carteiro tem acesso aos jornais apenas no posto de correio, já que, os demais habitantes da ilha, sendo analfabetos ou semialfabetizados, não têm interesse pela leitura.

Mais tarde, no final da obra Neruda foi indicado à embaixada chilena em Paris, enquanto se desdobravam as propostas de justiça social e alcance do socialismo pela via pacífica. Era a “experiência chilena”, a “via chilena para o socialismo”. Tal característica peculiar do governo Allende consistia-se num plano de ascensão ao

socialismo sem empreender revoltas ou desintegrar os mecanismos de governo. Baseava-se apenas nas mudanças de cunho social que com o tempo ocasionariam a transição de um sistema capitalista para um socialista.

“Na imagem final, o Poeta aparece sozinho, à beira mar, sem o Carteiro, provavelmente perplexo pelas consequências da sua estada: a chegada da leitura e da poesia na ilha provocando a morte do pescador-carteiro, aprendiz de poeta. O Carteiro, contudo, nos consolaria, a nós e ao poeta, nos falando do seu orgulho naquele momento, prévio à leitura da poesia em público, e de que, apesar de tudo: “A poesia bem vale a morte!”<sup>8</sup>”(STEYER, s.a)

### **Considerações finais**

Assim fica clara a importância da tomada de consciência, da elaboração de um pensamento crítico e coerente que permite a superação do senso comum. A história do carteiro não está longe de nossa realidade. Somos e convivemos com uma multidão de homens e mulheres “massa”, que apresentam pensamentos e ações dispersas e contraditórias. Essa incoerência no pensar e no agir é causa de muitos problemas sociais contemporâneos como a desigualdade social, A nossa postura como educadores deve, ou deveria ser, como a de Neruda: esclarecer e auxiliar eticamente os educandos para que estes tenham concepções de mundo e ações mais libertadoras, de acordo com as suas ideologias.

Desta forma tentamos analisar duas obras estéticas: uma se valendo da linguagem escrita recriando um momento sócio histórico do Chile, onde morre o poeta sob o olhar atento da repressão e Mario é preso devido à escrita de um poema que consegue criar e que seria premiado quando as forças políticas invadem a editora. E a outra, uma arte que se vale da linguagem visual para se fazer entender, onde os homens silenciam, mas as palavras continuam ecoando e assim não de permanecer, aqui é a palavra de Mario que ganha poder pelo fazer poético ameaçando o poder da força.

### **Referências**

---

<sup>8</sup> Foucault (1990) escreveu: “O sexo bem vale a morte.” (pág. 146). Permitiu-se a liberdade de adaptar a frase!

BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e estética** (a teoria do romance). São Paulo: Hucitec, 1988.

FERREIRA, Palma; SILVIA Isabel. *Il Postino*. De Michael Redford. Uma aproximação às Ciências Educativas. Faculdades de Ciências Da Universidade de Lisboa. História e Filosofia da Educação. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/carteiro-e-poeta/carteiro-epoeta>. Acessado em: novembro de 2010.

FERREIRA, Vitor Lino; VILELA, José Henrique. **Análise do filme O carteiro e o poeta** (*Il Postino*). Programa Especial de Graduação (PEG 2009). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Orientação: Professora Rosemary Dore Heijmans. Belo Horizonte, maio de 2009. Índice. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/barbato.htm>. Acessado em: novembro de 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. *In*: Cadernos do cárcere, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pág. 93-114.

**O carteiro e o poeta**. (*Il Postino – The Postman*). Touchstone Home Entertainment. Miramax Films. DVD. 108 min. 1996. Prod. Mario & Vittorio Cecchi Gori. Dir. Michael Radford. Com: Philippe Noiret, Massimo Troisi e Maria Grazia Curcinotta. Adaptação de “*Burning Patience*” de Antonio Skártema.

ROCHA, Marcelo. **No reino da serpente**: ideologia, transgressão e leitura em Pedro Juan Gutiérrez. Rio de Janeiro: Publit, 2008.

SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o poeta**; tradução de Beatriz Sidou, 13. ed. Rio de Janeiro, Record, 1998.

STEYER Vivian Edite, Pedagoga. Especialista em Educação Pré-Escolar. Mestre e Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia da ULBRA e Coordenadora Adjunta dos Cursos de Pedagogia e Educação nas Organizações da

ULBRA. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/postinofinal.pdf>. Acessado em: novembro de 2010.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.